



14-09-2013

Tiragem: 27259

País: Portugal

Períod.: Diária

Âmbito: Informação Geral

Pág: 14

Cores: Preto e Branco

Área: 17,81 x 32,14 cm²

Corte: 1 de 1

**B** Opiniões**CORPO DE DELITO****Paulus e Jukov**

Na guerra não há rapazes, os rapazes não contam, e muito menos as suas mães

**Rui Patrício**

A guerra não é coisa para rapazes, mas às vezes pode ser um jogo de meninos. Pensarão, alguma vez, os marechais, os generais e outros cabos de guerra nas mães dos que vão morrer sob o seu comando? Em Estalinegrado, no Inverno de 1942-1943 – quer quando ainda se alimentava um braço-de-ferro entre alemães e soviéticos, no meio das ruínas, quer quando os alemães já viviam a crónica de uma derrota anunciada –, terão os dois grandes cabos de guerra alguma vez pensado nas mães dos que morriam? Paulus e Jukov terão sequer pensado em alguma coisa para além da irracional mas necessária obediência em que se baseia a vida militar? Provavelmente não. A guerra – que, mais do que a continuação da política por outros meios, é um elaborado exercício de irracionali-

dade – não se pode fazer pensando na mãe do soldado que vai morrer, ou no soldado, que não é mais do que um membro de um conjunto, um número, uma arma. Se fosse de outra forma, a guerra não seria diferente, simplesmente não haveria guerra. Na guerra não há rapazes, os rapazes não contam, e muito menos as suas mães. E se dependesse delas a guerra não existiria e não mataria os seus meninos.

Talvez tenha havido um momento, pelo menos um, em que Paulus, perante as ordens de Hitler – incompreensíveis, mesmo considerando a irracionalidade da guerra –, tenha pensado nos seus rapazes, que tombavam como moscas (moscas mortas por balas, mortas de fome ou mortas de frio, ou simplesmente mortas de medo). Mas nesse momento, se ele existiu, Paulus ainda era Paulus o general ou era apenas Paulus o homem, que fugazmente espreitou por baixo do manto militar? Hitler ordenou, até ao fim, que Paulus não se rendesse e chegou a promovê-lo a marechal porque nunca um marechal alemão se havia rendido. Mas Paulus acabou por capitular, quebrando assim a obediência que respeitou quase até ao fim. Fê-lo porquê?

Terá pensado em alguma mãe, ao menos na sua? E Jukov, que pensaria, enquanto milhares de soviéticos também tombavam, na luta corpo-a-corpo ou debaixo das bombas da Luftwaffe? Lembrar-se-ão os cabos de guerra sequer de que foram meninos?

E por detrás de Paulus em que pensaria Hitler? E por detrás de Jukov em que pensaria Estaline? Nos soldados e nas suas mães seguramente que não. Nos seus cabos de guerra também não. Nos seus países e na sua glória (essa enorme ilusão), talvez. Mas numa coisa pensavam seguramente, cada um à sua maneira: cada um deles pensou de certeza na pele do menino de sua mãe, na sua própria pele, e – enquanto manipulavam as marionetas que foram os seus cabos de guerra, os outros oficiais e os soldados – Hitler e Estaline apenas pensavam em ganhar. Ganhar por tudo o que significa ganhar, mas também – talvez principalmente – porque os vencedores não costumam ser julgados. O menino que ganhasse a guerra teria a pele salva, a sua mãe poderia ficar tranquila. E assim foi. E muitas vezes ainda é.

Advogado. Escreve ao sábado

**Meninos de sua mãe prontos a morrer e a matar**

GETTY IMAGES